

O REGRESSO DO DESEJADO

REDENÇÃO

RICARDO CORREIA

O REGRESSO DO
DESEJADO

VOL. 3 - REDENÇÃO

Uma península.

Um povo.

Um Rei.





www.egoeditora.com
geral@egoeditora.com

Ficha Técnica:

Título – O Regresso do Desejado - Redenção
Autor – Ricardo Costa Correia
Composição Gráfica – EGO
Imagens da Capa e Contracapa – *domínio público*
Fotografia do Autor – Ricardo Correia©
Revisão de Texto – EGO
Paginação – EGO
Edição – EGO
1ª Edição – Julho 2020
ISBN – 979-8669308322
Depósito Legal – 470122/20
Impressão e Acabamento – Ulzama Digital

*Aos que nunca desistem de lutar
pelos seus objetivos.*

©2020, Ricardo Costa Correia e EGO Editora

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo sem prévia autorização por escrito da Ego Editora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que me acompanharam ao longo dos últimos anos, os que me ouviram, os que me deram ideias sobre como continuar e os que me conseguiram manter animado sempre que me sentia afundar. Todos eles sabem quem são.

Agradeço à minha família por me continuar a apoiar, tanto a família de sangue, como a composta pelos meus amigos mais próximos.

Agradeço ao Tiago e à Cláudia, porque sem eles nada disto teria sido possível. Quando acreditaram em mim na primeira vez, lançaram-se comigo na aventura da escrita e não podiam imaginar onde chegaríamos, por isso, “vamulá”. Temos ainda de certeza, muito caminho por percorrer.

Agradeço ao grupo de amigos mais próximos, que são quase como irmãos de uma grande família: André, André, Daniel, Filipe, Marco, Nuno, Ricardo, Rodrigo, Rui, obrigado por me terem proporcionado os melhores momentos e terem sabido aguentar-me nos menos bons. Se esta trilogia chegou ao fim, também a vós vos devo.

Agradeço a todos os que me transmitiram a alegria da descoberta e o prazer de ler e aprofundar conhecimentos, através das suas bibliotecas pessoais, através da sua música e dos seus gestos.

Um agradecimento muito especial ao Neiver Alvarez: *Gracias hermano por acreditar en el potencial deste libro para hacer una serie TV.*

No fim, e não menos importante, agradeço a todos os que tornaram este livro numa realidade – os leitores. Sem vocês, não existiriam livros e sem livros não existiria cultura.

PERSONAGENS

A CORTE AUSTRIACA

- **Don Fernando de Aragão**, Imperador do Sacro-Império Romano-Germânico, irmão de Carlos V e de dona Catarina de Áustria.
- **Maximiliano**, Filho varão de don Fernando de Aragão e herdeiro do trono imperial.
- **Dona Maria**, Filha de don Fernando de Aragão, regente do trono de Aragão.
- **Don Juan de Áustria**, sobrinho de don Fernando de Aragão, filho bastardo de Carlos V e comandante geral do exército imperial.

A CORTE ESPANHOLA

- **Don Felipe de Áustria**, filho varão de Carlos V, rei das Espanhas e senhor da Flandres e de Nápoles.
- **Dona Joana de Áustria**, filha mais nova de Carlos V, princesa e governadora geral das Espanhas, mãe de Dom Sebastião.
- **Don Cristovão de Moura**, senhor de Castelo Rodrigo e das terras

de Santa Maria de Aguiar, fidalgo das Espanhas e secretário pessoal de dona Joana de Áustria.

- **Don Fernando Alvarez**, duque de Alba, comandante geral do exército das Espanhas, comandante das Elites Espanholas.
- **Don Alonso Perez de Guzman**, duque de Medina-Sidónia, senhor dos reinos peninsulares do Sul.
- **Don Rodrigo**, duque de Gândia, comandante da Guarda Real, comandante militar de Toledo.
- **Alvaro Eanez**, Governador de Toledo.
- **Guillermo Eanez**, Embaixador das Espanhas em Portugal, governador temporário da cidade de Lisboa, secretário pessoal de don Felipe de Áustria.

A CORTE PORTUGUESA

- **Dom Sebastião**, Rei de Portugal e Algarves.
- **Dona Catarina de Áustria**, viúva do anterior rei dom João III, avó de dom Sebastião e tia de don Felipe das Espanhas.
- **Dom António**, Prior da Ordem do Crato e Avis, confessor de dona Catarina de Áustria e filho bastardo de dom Luís, duque de Beja.
- **Dom Henrique**, Cardeal, regente do reino de Portugal, tio de dom Sebastião.
- **Dom Cristóvão de Távora**, antigo governador da cidade de Lisboa, protetor da casa real, membro do Concílio das Sombras.
- **Dona Leonor de Távora**, capitã da guarda real, casada com dom Diogo de Távora, governador de Lisboa, filha de Gonçalo Anes.
- **Dom Diogo de Távora**, Governador de Lisboa, filho de dom Cristóvão de Távora.

- **Dom Pedro**, anterior duque de Palmela, membro do Concílio das Sombras.
- **Dom Martim**, duque de Palmela, Condestável de Portugal, governador da cidade do Porto.
- **Dom Luís**, anterior duque de Beja, tio do rei dom Sebastião e irmão do Cardeal dom Henrique, membro do Concílio das Sombras.
- **Dom Bernardo**, duque de Beja, filho varão de dom Luís, mestre da moeda.
- **Dom Carlos**, duque de Loulé, comandante de infantaria do exército português.
- **Dom João**, duque de Bragança, protetor da ordem de Cristo e senhor dos domínios de Cister.
- **Dona Catarina**, dama de companhia da Corte, esposa de dom João, duquesa de Bragança.
- **Dom Teodósio**, filho de dom João, segundo duque de Bragança, conselheiro e porta-estandarte de dom Sebastião.
- **Mestre Gonçalo Anes**, mestre da ordem de Santiago, membro confessor do Concílio das Sombras, conselheiro e protetor de dom Sebastião.
- **Mestre Gualdino Aires**, mestre da ordem de Cristo, comandante militar de cavalaria, senhor de Tomar.
- **Thomas Stukeley**, pirata e espião inglês, embaixador de Inglaterra em Portugal, capitão da armada portuguesa do alto mar.

OS ÁRABES

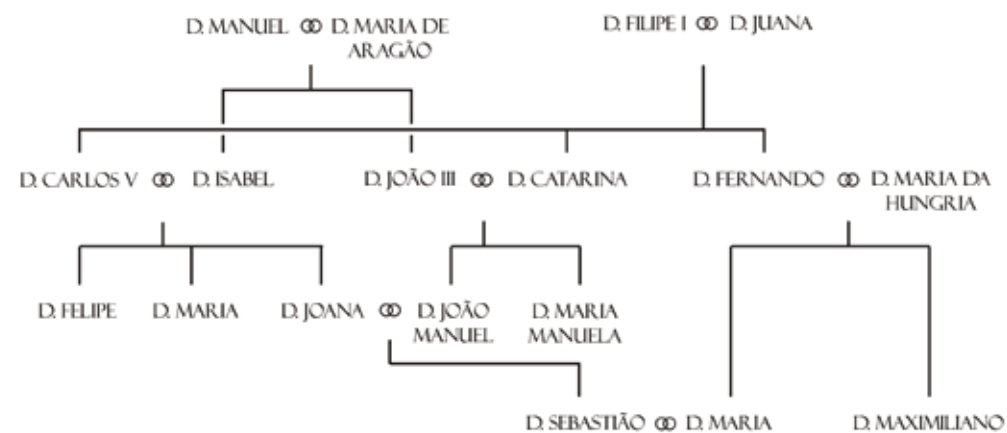
- **Hassan Al-Mansur Saadi**, Sultão do reino de Marrocos, senhor das terras do Além-Garve, governador de Granada.

- **Ibn Al-Zahir**, antigo vizir de Granada e Sevilha, embaixador do sultão de Marrocos no reino de Portugal.
- **Hussein Tarik**, capitão do exército marroquino, militar da guarda pessoal do sultão de Marrocos.

OS RELIGIOSOS

- **Padre Gallardo**, discípulo do Cardeal dom Henrique e seu sucessor, grande inquisidor do reino de Portugal, conselheiro de dom Sebastião.
- **Fernando Niño de Guevara**, bispo de Sevilha, governador do Porto.
- **Monsenhor Santori**, cardeal, núncio apostólico romano para o reino de Portugal.
- **Frei Manuel de Lisboa**, mestre inquisidor do reino de Portugal, conselheiro de dona Catarina de Áustria.
- **Abade de Cister**, senhor de Alcobaça e vassalo de dom João de Bragança, regente da ordem de Cister e antigo juiz inquisidor.

DINASTIA DE AVIS - HABSBURGO



POSIÇÕES EXTREMAS

Guerra! Depois da queda da cidade do Porto nas mãos das tropas do duque de Bragança, todo o reino se ergueu em tumultos. Por toda a Península Ibérica, reacenderam-se velhos feudos e rivalidades familiares. Apesar do apoio das cortes de Toledo, o rei tinha ainda demasiados opositores e nem o casamento com a regente aragonesa acalmara os clamores daqueles que o viam como um herege.

A guarda real ia garantindo alguma tranquilidade à Estrada Real e às principais cidades a pedido dos alcaides, contudo, com a aproximação do fim do inverno, que fora terrível para as culturas agrícolas, alastrava-se a acusação ao rei na responsabilidade da escassez de alimentos e proliferação de doenças. Nos territórios a norte do Douro, aqueles que sobreviviam aos soldados de dom João, nem sempre tinham a mesma sorte com as pragas que assolavam o reino, agora mergulhado no caos provocado pelos conflitos.

Ao contrário das províncias do norte, a situação na capital era de aparente calma, tal como a luz pálida dos dias de inverno, que dava serenamente lugar à claridade primaveril. Nos jardins do palácio imperial de Lisboa, as flores desabrochavam como habitualmente, ignorantes daqueles que morriam nos campos. Alheia às mudanças que aconteciam no exterior, a capitã Leonor de Távora, com o seu

ar grave e sério, dava conta dos avanços e recuos das tropas de dom João, na sala do Conselho do Rei, apontando ao monarca as várias posições assumidas pelos militares.

– As tropas de dom João e os seus vassallos avançaram sobre grande parte do território a norte do rio Douro, e da Galiza. Com os dias a tornarem-se maiores, o duque de Bragança deverá avançar para sul.

– O duque ao seguir pela Estrada Real, só poderá chegar à Guarda, e aí encontrará as tropas do bispo local, que ainda nos são fiéis, tal como todos os lugares onde os frades jerónimos e jesuítas se encontram. – Dom Sebastião procurava transparecer confiança, embora uma certa fraqueza na sua voz o traísse. – Sem o apoio dos territórios cistercienses de Salzedas, temporariamente controlados pelo cabido da Guarda, não conseguirá manter os seus homens alimentados ou com a moral elevada.

– O duque dom João poderá navegar junto à costa e alcançar terra na região de Alcobaça, onde encontrará outros aliados. – Dom Martim de Palmela interrompia-os, apontando uma outra possibilidade no mapa. – Poderá desembarcar grande número de tropas comodamente na Nazaré ou na baía de São Martinho. Se decidir fazê-lo, o que me parece mais provável, isola do poder real toda a região que fica a norte das terras dos monges de Alcobaça, favoráveis ao duque de Bragança. Perderemos toda a influência e lugares de defesa até Gaia, que não terão outra possibilidade além de se submeter ao poder da casa de Bragança.

– Compreendo agora o quanto errei ao deixar que o duque de Bragança se afastasse da corte. Nunca o deveríamos ter permitido, mas o território expande-se muito para além do norte da província portuguesa. Que notícias temos da fronteira com França?

– Don Rodrigo de Gândia continua a tentar suprimir os ataques das milícias que atacam caravanas nos caminhos das montanhas. Os rebeldes têm o apoio do exército francês e, por vezes, têm conseguido coordenar ataques violentos contra os nossos homens. – Dom Diogo de Távora transmitia as mensagens do vice-governador dos territórios hispânicos.

– Fui forçado a permitir que a rainha regressasse à capital arago-

nesa para defender aqueles territórios entre os homens que sempre lhe foram fiéis. – Dom Sebastião lutava para que o desespero não tomasse conta de si. – Não quero sequer pensar no que de mal possa acontecer à minha família, apesar da distância. Os nossos espões têm reportado notícias de don Felipe?

– Depois da batalha junto à Vila da Foz e entre os navios na boca do Douro, don Felipe retirou-se para parte incerta com o duque de Alba. Nenhum dos nossos espões ou aliados reportou qualquer atividade do antigo rei das Espanhas. – Dom Diogo transmitia as notícias que Thomas Stukeley fazia chegar com regularidade.

– Menos uma preocupação para já, apesar de termos de continuar alerta a qualquer movimentação. Don Felipe não é alguém que se deixe ficar inativo durante muito tempo. Dona Leonor – continuou, encarando a capitã da guarda –, o infante foi levado em segurança como pedi?

– Devidamente ocultado de quaisquer possíveis suspeitas e protegido na fortaleza de Palmela junto do meu pai, de acordo com as vossas ordens.

– Sofro horrores ao ser forçado de afastar assim o meu filho de mim. O infante é ainda uma criança e Deus sabe o quanto precisa de um pai. Também eu fui filho sem pais, órfão demasiado novo. – Dom Sebastião abanava a cabeça, afastando os seus pensamentos negativos. – Sei bem que o vosso pai protegerá o pequeno infante dom Cristóvão da mesma forma como protegeria um filho.

– Não temos qualquer razão para duvidar disso, majestade – respondeu dona Leonor. – Enquanto o infante permanecer em Palmela, estará seguro.

– Logo que seja possível, gostaria de o visitar, nem que para isso tenha de me encobrir – disse, dirigindo um olhar furtivo a dom Martim de Palmela.

– Se o fizerdes, majestade, eu prefiro saber – concluiu dona Leonor, olhando de Martim para dom Sebastião, como se os quisesse repreender. – Cabe-me a tarefa de proteger o meu rei e senhor e não tenciono falhar com esses deveres ou quaisquer outros.

Gualdino Aires esfregava as mãos em frente à fogueira, para as aquecer. Ainda que os dias já se sentissem menos frios, o mestre da ordem de Cristo sentia o gélido bafo da nortada invadir os seus ossos. Passara os últimos meses no acampamento, nos subúrbios do Porto, enquanto o duque dom João e o bispo Niño de Guevara se haviam alojado num anexo intacto do Paço dos Bispos, ao lado da Sé do Porto. Ao seu redor, o mestre da ordem de Cristo via como os campos começavam a perder o tom cinzento dos dias de chuva e a ganhar o verde e o colorido da vida que despontava entre a mata que tinha significado o cerco e a queda da cidade do Porto.

Tinham sido muitos os vassallos a seguirem dom João, mesmo depois daquela aparente derrota, mas que ainda assim, lhe possibilitara ficar com a cidade e um extenso território. Primeiro, juntara-se à sua causa toda a região compreendida entre os rios Douro e Minho. Depois, de toda a Galiza, priores e abades de diferentes mosteiros pediram total neutralidade, um pedido que acabara aceite pelo bispo Niño de Guevara nomeado por dom João, como bispo do Porto, grande inquisidor e governador da região. Gualdino Aires compreendia os religiosos: não queriam declarar-se pelo duque e, ao mesmo tempo, não queriam ser tomados como traidores perante dom Sebastião.

Os poucos habitantes que ousavam regressar, encontravam a cidade mergulhada numa nova e dura lei. As ordens de dom João eram claras e definiam que, enquanto durassem as campanhas de pacificação por todo o território, não se acolheriam mercadores. Para os defensores da religiosidade exacerbada, não era admissível a presença de uma judiaria e os terrenos onde se instalara a mancebia converteram-se no novo cabido do Porto, albergando a presença de centenas de religiosos que procuravam um lugar nas tropas do duque. Continuavam a suceder-se os autos-de-fé, agora no pequeno terreiro da Sé, presididos pelo bispo Niño de Guevara e pelo duque dom João, em sessões e tribunais de muito maior violência do que até então testemunhado. Qualquer julgamento de um simples cristão-novo que ousasse falar sobre ideias humanistas, era tornado num espetáculo para a multidão, terminando quase sempre num enforcamento ou numa

condenação à fogueira. O campo do Olival, outrora local de trocas comerciais e do mercado da cidade, fora transformado num enorme cemitério, única zona capaz de acolher tantos mortos, resultantes dos ataques à cidade e das fogueiras dos inquisidores.

O mestre da ordem de Cristo começava a sentir-se cansado de tanta inatividade e os seus homens sentiam-se aborrecidos, precisando de avançar para novos terrenos. A seu tempo, havia de propôr ao duque de Bragança que continuassem para sul, ao encontro das tropas do herege dom Sebastião. Apesar da mortandade no Porto, Gualdino Aires sentia falta do combate corpo a corpo, do estilhaçar das lâminas das espadas, do espírito da luta. Precisava disso para se distrair e afastar do seu pensamento aquilo que vira nas cartas divinatórias e que previa uma derrota seguida de vitória. Talvez fosse esse pensamento ou as longas semanas passadas a organizar um acampamento, a centenas de quilómetros de Tomar, que o faziam sentir-se desgastado e desanimado.

Decidira abandonar as velhas artes, na presença dos inquisidores, sabendo que a arte divinatória das cartas que aprendera com o seu mestre templário não era bem vista pelos seus novos senhores. Sentia crescer a sua confiança e acreditava que estando no comando, os seus irmãos voltariam a ser vitoriosos, desta vez com o apoio dos príncipes católicos e do próprio Papa. Não havia como impedir a velha lei dos templários de regressar em todo o seu esplendor.

As montanhas ainda parcialmente cobertas pela neve, despontavam por debaixo de um sol radioso ao redor de São Lourenço do Escorial. Para os habitantes que viviam no vale, a serra de Guadarrama era um lugar pontuado por grutas que serviam de esconderijo a malfeitores. Quase ninguém se atrevia a subir aquelas montanhas e os que ousavam fazê-lo, desciam muitas vezes amedrontados ou nem regressavam mais às suas casas.

Agora que o inverno se aproximava do final, chegava a hora de don Felipe se movimentar, depois da derrota sofrida contra as tropas de dom Sebastião, no Porto. Precisava de demonstrar o seu verdadeiro

poder e de fazer entender ao duque dom João, que as suas ações o tornavam um aliado e não alguém de igual estatuto.

A memória das Cortes de Toledo era um fogo que o queimava por dentro. Reconhecia agora que a o entregar ao sobrinho o comando das Espanhas, oferecendo-lhe o trono, fora um erro. Contudo, dera-lhe a si e a don Fernando Alvarez o tempo necessário para reorganizar o exército das Espanhas, depois das sucessivas derrotas sofridas às mãos de ingleses primeiro, e portugueses depois.

Empoleirado sobre um rochedo de onde podia avistar vários quilómetros, don Felipe observava o fundo do vale e as torres do palácio-mosteiro de São Lourenço do Escorial, único lugar em que se sentia em casa. Para o antigo rei e senhor das Espanhas só fazia sentido que o primeiro ataque contra as tropas do usurpador se desse naquele lugar. Era ali que precisava de estabelecer as raízes do seu futuro reino. Dom Sebastião, rei e senhor da Ibéria, apesar de ter provado por várias ocasiões o seu valor, permanecia ignorante em subtilezas de guerra, concentrando-se apenas nas lutas contra o duque de Bragança e descurando o centro da península.

No interior das grutas da serra de Guadarrama, don Felipe observava os guerreiros do exército das Elites Espanholas, treinando sob o olhar atento do duque de Alba, que insistira serem os mais poderosos de todo o reino. Treinados até à exaustão, os homens estavam preparados para enfrentar qualquer exército.

– Pretendeis dirigir-vos ao vosso exército, senhor? – perguntou don Fernando a don Felipe.

– Terei todo o gosto, don Fernando. Trabalho impressionante o que haveis feito com estes homens ao longo destes anos.

– Fico satisfeito que vos agrade, don Felipe. Treinei-os unicamente para que vos sejam fiéis e obedeçam sem questionar as vossas ordens.

Caminharam juntos por uma galeria lateral no interior da gruta que o duque de Alba mantivera em segredo. Tudo ali havia sido preparado para receber o rei, um quase palácio subterrâneo, longe dos olhares de camponeses e pastores. Para além disso, albergava

um complexo aquartelamento militar com cavalos e cavaleiros, arqueiros, tropas de infantaria e especialistas em explosivos. Depois de uma ligeira rampa iluminada por archotes, subiram até à varanda escavada nas rochas, sobranceira a uma gigantesca galeria onde se perfilavam milhares de homens equipados com armaduras com a cor e o símbolo dos Áustria, numa perfeita geometria de cores vermelha e amarela e com a águia imperial no centro do peito.

Don Felipe não conseguiu esconder o seu espanto perante o número de soldados à sua frente, mas sorria, satisfeito, por ver a ordem e a disciplina com que se apresentavam para o ouvir falar, ao monarca a quem dedicavam as suas vidas. Aguardou apenas que todos estivessem perfilados em silêncio, e deu um passo em frente, até ao limite da plataforma elevada:

– Soldados do exército das Elites Espanholas, sois vós a primeira geração daqueles que vão garantir o futuro do nosso credo. O meu trono foi roubado por um usurpador, mas não o meu poder. Será essa restituição que as vossas forças irão garantir! – Ao seu lado, don Fernando Alvarez sorria, vendo don Felipe assumir a sua verdadeira vocação como comandante militar. – Começa hoje uma nova era para as Espanhas. Retomamos o que é nosso por direito e lutaremos por isso até ao último homem! Acompanhem-me numa marcha sobre São Lourenço onde vamos retomar o trono. Com os inquisidores que nos apoiam, queimaremos até ao último dos infiéis e dos hereges e serão vocês os primeiros soldados das legiões de Cristo. A legião invencível de don Felipe! Irmãos, vamos reclamar o que é nosso!

O padre Gallardo olhou através da janela para a vista deslumbrante do vale entre as encostas da serra de Guadarrama. Conseguia compreender porque tinham os Habsburgo escolhido aquele lugar para governar. Ali, pouco havia de Península Ibérica e do calor dos povos ibéricos, e sentia-se o frio das montanhas mesmo agora com as neves a derreter. O grande inquisidor estivera uma única vez na capital imperial de Viena, quando entrara para o serviço do cardeal dom Henrique, mas percebia as inúmeras semelhanças entre os dois

lugares. Contudo, habituado aos humildes mosteiros de Alcobaça, Yuste, Arrábida ou Guadalupe, sentia-se oprimido, ainda que o seu poder emanasse dali para toda a península. Reorganizara os colégios de inquisidores, pelo que, os vários tribunais produziam finalmente um trabalho verdadeiro no julgamento dos casos que precisavam da intervenção dos homens de Deus. Tinham sido meses muito difíceis os que ali vivera, longe da capital dos reinos, a Lisboa pela qual tanto ansiava. Sentia a tranquilidade do dever cumprido, porque o edifício que tanto trabalho dera a construir, estava finalmente de pé.

Afastou-se da janela e subiu para o patamar superior por uma pequena escadaria que ligava os vários aposentos do gigantesco mosteiro. Pensou momentaneamente em don Felipe e no significado que o antigo rei das Espanhas pusera naquela obra, tornando-a quase um sinal divino e da proximidade do seu poder com Deus. O salão da batalha no último andar do palácio-mosteiro do Escorial era intimidante pelas suas dimensões, uma sala maior que qualquer outra, mas não se incomodava com isso. A vitória do imperador don Carlos sobre as tropas do delfim francês na batalha de Paris, representada nas telas à sua frente, assinalavam o seu poder como imperador de um mundo extenso. Observava atentamente as telas, procurando algum detalhe, uma pequena liberdade ou desvio artístico a que o pintor se pudesse ter dado. No chão, uma gigantesca tapeçaria com o mapa da Europa e os territórios dos Habsburgo assinalados, fizeram-no refletir no que se tornara a Península Ibérica sob o comando de dom Sebastião. Um Habsburgo seguramente diferente, um monarca de um reino tolerante para com os povos dos diferentes credos, e com partilha dos poderes pelas cortes.

A cidade de Toledo estava ali, a seus pés, e Lisboa, Porto, Granada ou Saragoça estavam apenas a um passo de distância. Era o lugar perfeito para iniciar o caminho em direção a qualquer ponto do reino.

Uma ideia fulminou-o no momento em que os sentinelas tocavam as cornetas, enquanto aviso de ataque ao mosteiro. O centro da península seria o lugar ideal para lançar qualquer conquista ou defender o território até à exaustão. O padre Gallardo reconheceu que dom

Sebastião e o Conselho Real tinham sido incapazes de o compreender desde o início. Como as sentinelas não paravam de tocar, Gallardo aproximou-se da janela ainda a tempo de ver a cavalaria ostentando o brasão de armas de don Felipe, caindo em poderosa carga pelos espaços abertos em redor do palácio-mosteiro e reclamando aquele lugar como seu..

Don Felipe caminhou triunfante pelo pátio muralhado em direção à basílica de São Lourenço. Junto das portas da igreja abertas, o padre Gallardo já o esperava, preso por dois guardas espanhóis que o seguravam mesmo acima dos cotovelos, impedindo-lhe os movimentos.

– Senhor inquisidor geral do reino. – Don Felipe tratou o religioso com desdém. – Não imaginei que vos encontraria aqui aguardando pela minha chegada.

– Dificilmente poderia dizer que vos aguardava, don Felipe. – O padre Gallardo confrontava altivamente o seu opositor. – Mas imaginei que não vos iríeis manter escondido por muito mais tempo. Não faz parte da vossa personalidade.

– Senhor inquisidor geral, este lugar pertence-me e, como tal, não me pode ser retirado o direito à minha permanência. Dentro destes muros, construí o meu mundo e daqui partirei para reconquistar aquilo que é meu. Obrigado por tê-lo mantido cuidado.

– Dom Sebastião, legítimo rei e senhor destes territórios, não pensa assim.

– Que pode o meu sobrinho fazer? Apenas eu compreendi a necessidade de uma capital no centro da península. Se dom Sebastião se resolver a atacar, já estarei longe com as minhas tropas. Se o não fizer, atacarei de qualquer das maneiras. Quanto à vossa situação, veremos o que o rei está disposto a fazer para recuperar o seu inquisidor geral.

No grande salão do palácio do Hofburgo em Viena, o imperador don Fernando de Áustria e don Juan, irmão bastardo de don Felipe ouviam com preocupação o mensageiro que viera da Península Ibérica. Quando o mensageiro terminou a leitura, o capitão das tropas imperiais dirigiu-se ao soberano:

– Meu tio, sei que é vossa política não vos envolverdes nos assun-

tos de Felipe, mas estamos a falar da vossa filha dona Maria. Não podemos deixar simplesmente que as sementes de revolta que proliferam no reino de Portugal atinjam Aragão e os seus domínios.

– Tentei de tudo, como me ensinaram, para que pudesse ser um bom soberano para todos os povos do império. – Don Fernando sentia-se desolado e a sua idade avançada, tal como os problemas de saúde, impediam-no de se manifestar de outra forma. – Lutei para evitar as intrigas e as conspirações dentro desta corte. Contudo, é no fim da minha vida que me vejo forçado a intervir de forma vigorosa contra um membro da minha família.

– Poderei preparar o exército para partirmos para Aragão em poucos dias. – Don Juan levantava-se, mas o tio interrompeu-o.

– Iremos intervir, mas não sozinhos. Dom Sebastião luta pela liberdade da religião e pela palavra que Deus nos deixou. Luta contra a visão dogmática e estreita do prelado de Roma, carregada pelo meu sobrinho Felipe.

– O que propõe então vossa alteza imperial que façamos?

– Convocai a Viena todos os príncipes alemães. Prometi que defenderia a sua liberdade perante Roma, apesar das acusações de heresia de que eram alvo quando defenderam Lutero. Agora que os reis ibéricos enfrentam as mesmas acusações, vou exigir que nos apoiem com as suas tropas para defender a liberdade.

Dona Catarina, a velha rainha, olhava para os extensos campos em redor do castelo do Portel. As árvores recomeçavam a ganhar os tons verdes e os campos alentejanos voltavam a acordar depois dos meses de adormecimento forçado pelo frio do inverno. Da janela dos seus aposentos, virados para as terras de Espanha, pensava no neto e nas últimas notícias que chegavam de Lisboa. Sabia que nem todas lhe eram transmitidas e que dom Sebastião a queria proteger, escudando-a atrás de dom António, o prior do Crato, que continuava a ser o seu mais próximo confessor. Vivera muitos mais anos do que pudera alguma vez esperar e vira muita da história de Portugal passar à frente dos seus olhos. Recordava com um misto de saudade e cons-

ternação os anos de vida no convento de Tordesilhas, uma recatada princesa asturiana forçada a abandonar a mãe que acusavam de louca, para casar com o rei de Portugal por imposição do irmão já coroado imperador. Assistira a tantas mudanças naquele pequeno reino junto ao oceano Atlântico que acabara por chamar seu e agora, num momento de tão grande importância, era colocada à parte.

Conseguia perceber o medo de dom Sebastião e a sua vontade de a proteger, bem como a toda a família, mas sentia-se inútil, com a sua avançada idade. Temia pouco ter para oferecer ao reino que ajudou a construir, agora que o progresso se fazia no campo de batalhas e não nos corredores dos palácios. O ataque brutal do duque de Bragança à cidade do Porto deixara graves feridas por sarar e a velha rainha pouco mais conseguia fazer que rezar para que tudo se compusesse. Desejava ardentemente regressar a Lisboa, à corte e esperava que o neto pudesse em breve ajudá-la a fazê-lo, chamando-a para o aconselhar.

Dona Catarina de Áustria abriu o pequeno missal sentada na capela do castelo do Portel. O seu instinto de colecionadora de peças de arte relembrou-a de um objeto que ficara para trás em Tordesilhas, no velho convento que a abrigou durante tantos anos – uma jóia de grande significado, entregue pelo seu irmão Carlos numa das visitas à mãe. A rainha dona Juana estimara-a ao ponto de a resguardar num lugar onde ninguém pudesse mexer.

Quando dona Catarina era já rainha de Portugal escrevera à mãe inúmeras vezes sem resposta, pedindo que a deixasse no seu testamento, não pelo seu valor, mas pelo seu significado, uma peça que simbolizava o poder da família Habsburgo sobre aqueles domínios ibéricos. Infelizmente, dona Juana nunca respondera, o que dona Catarina encarara como um sinal da loucura crescente da mãe e nunca perdoara que a filha mais velha dos reis católicos a tivesse assim abandonado no trono de Portugal.